

# ciência

REDE NACIONAL ESTIMULA A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS E ENTIDADES DE ENSINO

## Mais espaço para a pesquisa clínica aliada à formação de profissionais

A Rede Nacional de Pesquisa Clínica em Hospitais de Ensino (RNPC) foi criada em 2005 com o objetivo de estimular esses espaços a assumirem cada vez mais sua vocação na condução de pesquisas científicas com seres humanos, associadas à formação de recursos humanos em saúde. Formada por 19 instituições selecionadas através de edital público, a rede conta com recursos dos Ministérios da Saúde e da Ciência e Tecnologia da ordem de R\$ 35 milhões distribuídos ao longo de três anos.

Foram escolhidas entidades distribuídas de Norte a Sul do país, numa estratégia de estimular a pesquisa clínica em todas as regiões. Inicialmente, a prioridade foi a criação e consolidação de estruturas, com investimentos em obras, equipamentos e capacitação de recursos humanos. Essa etapa é condição para o momento seguinte, que priorizará as atividades de pesquisa em rede, envolvendo as instituições-membro. Segundo dados preliminares do Departamento de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (Decit), do Ministério da Saúde, as 19 instituições que compõem a rede somam cerca de mil projetos e propostas de pesquisa, em sintonia com a agenda nacional de prioridades de pesquisa em saúde, incluindo estudos de novos medicamentos, procedimentos terapêuticos e métodos para diagnóstico de doenças. Desse montante, 70 referem-se ao campo da oncologia.

“O objetivo é assegurar infra-estrutura para desenvolver pesquisas clínicas em temas que priorizem as necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS), seja através da criação ou da consolidação de centros de pesquisa clínica vinculados a hospitais de ensino”, observa Flávia Elias, coordenadora geral de Avaliação de Tecnologias em Saúde e Pesquisa Clínica da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Decit.

Em Belém, no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUIBB), da Universidade Federal do Pará, os recursos financeiros recebidos por meio da rede para o desenvolvimento de pesquisas clínicas somaram esforços com a construção da unidade de alta complexidade em oncologia (Unacon), que atuará em assistência e pesquisa. “Antes de planejar-se a criação da Unidade de Pesquisa Clínica, que integra a rede, já estavam em andamento os acertos para a construção da unidade de oncologia”, sintetiza Maria Rita de Cássia Costa Monteiro, coordenadora da Unidade de Pesquisa Clínica do hospital, em fase de implantação.

O Instituto Nacional de Câncer (INCA) também integra a Rede Nacional de Pesquisa Clínica em Hospitais de Ensino. Carlos Gil Ferreira, chefe da Divisão de Pesquisa Clínica do INCA, explica que os recursos estão sendo investidos em instalações físicas e equipamentos. Outra novidade é o desenvolvimento de um sistema de informática em parceria com a Divisão de Tecnologia da Informação do INCA e a Fundação Ary Frazzino (FAF) para acompanhamento da pesquisa clínica, abrindo caminho para a condução de estudos multicêntricos de âmbito nacional. A capacitação de recursos também está nos planos: em 2009, o curso de especialização em enfermagem para pesquisa clínica do INCA, lançado há dois anos, será oferecido através de educação a distância.

Carlos Gil destaca que a oncologia é a especialidade que evoluiu mais rapidamente na medicina atualmente. “A pesquisa clínica permite validar a segurança e o custo-benefício das novas tecnologias e ao mesmo tempo certificar a validade das estratégias já consolidadas”, observa. Ciente da necessidade premente de pesquisa clínica em oncologia, na última reunião da

“O objetivo é assegurar infra-estrutura para desenvolver pesquisas clínicas em temas que priorizem as necessidades do Sistema Único de Saúde.”

FLAVIA ELIAS, coordenadora de avaliação do Decit

Rede Nacional de Pesquisa Clínica – a nona do grupo, realizada em maio, em Brasília –, Marisa Dreyer Breitenbach, coordenadora de pesquisa do INCA, apresentou a proposta da criação de um campo específico de investigação em oncologia no contexto da rede.

“Usando como critério central a alta prevalência, temos a proposta de concentrar esforços em câncer de mama, colo de útero e pulmão”, destaca a especialista. Recentemente, o INCA preparou um termo de referência, em análise no Ministério da Saúde, para abertura de um edital em pesquisa de câncer de mama localmente avançado. Segundo a coordenadora, uma oportunidade para os integrantes da Rede avançarem em projetos sobre a doença, que desafia a comunidade científica mundial. “Pode haver características próprias desse tumor. Também é preciso observar questões associadas ao tempo de diagnóstico, tipo de tratamento, entre tantas outras hipóteses”, Marisa enumera. A resposta para questões complexas como essa só pode surgir de um estudo multicêntrico e multidisciplinar, num contexto como o que a Rede proporciona. Ações efetivas, gerando novos conhecimentos, são justamente a expectativa do Decit.

Um dos desafios mais relevantes da rede, em seu estágio atual, é promover a colaboração entre ins-

tituições com experiências e necessidades diferentes. Nadine Clausell, coordenadora de pesquisa e pós-graduação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e atual coordenadora da Rede, explica que uma das formas de superar esse obstáculo é redigir projetos de pesquisa em conjunto. Nadine informa que ainda este ano as instituições-membro deverão participar de editais lançados pelo Decit, disputando verbas em conjunto para desenvolver estudos em parceria. “A idéia de criar uma cultura de pesquisa em rede no Brasil é extremamente salutar e necessária. Isso proporcionará que instituições com graus diferentes de desenvolvimento em pesquisa interajam”, avalia.

Como estratégia de reforço da pesquisa clínica em instituições de ensino, Alair Benedito de Almeida, presidente da Associação Brasileira de Hospitais Universitários de Ensino (Abrahue), propõe a criação de diretorias de ensino e pesquisa dentro dos hospitais universitários. Geralmente, tais estruturas estão localizadas nas faculdades de Medicina, e não nos hospitais. “Não queremos uma duplicação de estruturas, mas uma facilitação da pesquisa, que, no contexto das universidades, acontece sobretudo nos hospitais”, afirma, indicando que a entidade está em sintonia com o Ministério da Educação nesta proposta.

